

AO HOMEM SELVAGEM

STROPHE 1.ª

O' homem, que fizeste ? todo brada;
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz dourada,
A liberdade em ferro se vê presa,
E a pallida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura
Do Deus, que te creou, a imagem pura.

ANTISTROPHE 1.ª

Na cithara, que empunho, as mãos grosseiras
Não pôz Cantor profano;
Emprestou-m' a Verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoára; e o vil Enzano,
O erro deshumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo em fim banido.

EPODE 1.ª

Dos Céos deseje brilhando
A altiva Independência, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado;
Eu a oigo dictando
Versos jámais ouvidos: Reis da Terra,
Tremei á vista do que alli se encerra.

STROPHE 2.ª

Que monção de cadêas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas!
A Natureza simples e constante
Com penna de diamante,
Em breves regras escrevem no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

ANTISTROPHE 2.ª

O teu firme alicerce eu não pretendo,
Sociedade sancta,
Indiscreto abalar: sobre o tremendo
Altar do calvo Tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso véo da Antiguidade,
Que á luz esconde a tua idade.

EPODE 2.^a

Da dôr o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me.
E as tremulas entranhas apertar-me.
O Céos ! que immenso espaço
Nos separa d'aquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos !

STROPHE 3.^a

Salve, dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho illuminava,
Quando da natureza sobre o collo
Sem temor a innocencia reponsava.
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a terra não tinha conhecido.

ANTISTROPHE 3.^a

Dos fervidos Ethnicos debruçado
Nos ares se sustinha,
E contra o Tempo de furor armado,
Este dia alongar por gloria tinha.
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A Noite foi do Averno a fronte alcando.

EPODE 3.^a

Sahiu do centro escuro
Da Terra a desgrehada Enfermidade;
E os braços com que, unida á Crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo as campinas vai talando,
E os miseros humanos lacerando.

STROPHE 4.^a

Que angusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura !
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
P'ra a mão de Ventura:
No rosto a liberdade traz pintada
De seus serios prazeres rodeada.

ANTISTROPHE 4.^a

Desponta, cego Amor, as settas tuas:
O pallido Ciume,

Filho da Ira, com as vozes suas
Num peito livre não accende o lume.

Em vão bramindo espume,
Que elle indo apóz a doce Natureza
Da Fantasia os erros nada preza.

EPODE 4.^o

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de espectros cingindo a vil figura,
Do Sabio tornam a morada dura.

SYNOPSIS 5.^o

Eu vejo o molle sonho susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frêxo Caraíba que encostando
Os membros sobre a relva, sem turbar-se,
O Sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de Amor aos doces laços.

ANTISTROPHE 5.^o

O' Razão, onde habitas?... na morada
Do crime furiosa,
Polida, mas cruel, paramentada
Com as roupas do vicio; ou na ditosa
Cabaça virtuosa
Do selvagem grosseiro?... Dize.... aonde?
Eu te chamo, ó philosopho! responde.

EPODE 5.^o

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante o creadora,
Nos valles já sombria,
Apenas apparece; assim me prende
O homem natural, e o Estro accende.

SYNOPSIS 6.^o

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle impio tyranno
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do meu e teu o grito deshumano
Fez soar em seu danno;
Tremeu a socegna Natureza,
Ao ver d'este mortal a louca empresa.

ANTISTROPHE 6.ª

Negros vapôres pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Tê que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seio seu lançando
Os cruéis Erros, e a torrente impia
Dos Vícios, que combatem, noite e dia.

EPOPE 6.ª

Cobriram-se as Virtudes
Com as vestes da Noite; e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantou o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

NOTA DO GENERAL STÖCKLER.

Esta Ode onde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais bellas composições deste genero escriptas na lingua Portuguesa, e talvez mesmo que em todas as linguas vivas, foi composta no anno de 1784, tendo o author apenas vinte e um annos de idade, por occasião de uma disputa que, em conversação amigavel, casualmente se levantou entre mim e elle, ácerca das vantagens da vida social. A leitura do celebre discurso de João Jacques Rousseau, sobre a origem da desigualdade entre os homens, foi a occasião que motivou a nossa pequena controversia. Para terminal-a convidei eu o meu amigo a seguir friamente os meus raciocínios na analyse daquelle eloquente discurso, procurando fazer-lhe sentir a falta de logica, que em quasi todo elle se observa, quando reflectidamente se examina. Não era por certo facil trazer a este ponto um mancebo de imaginação ardente, em especial tratando-se de analisar com frieza uma composição que, devendo ser toda razão, é toda fogo, como quasi todos os escriptos que sahiram da penna daquelle homem extraordinario. Como quer que fosse, sempre conviemos por fim em que o pensamento de Rousseau seria bello para se desenvolver em uma composição poetica; e para que a nossa lembrança não ficasse inutil, ajustamos que o author, cuja brilhante fantasia prometia eleva-lo ao primeiro logar entre os poetas lyricos Portuguezes, compuzesse uma Ode Pindarica, na qual expuzesse com toda a pompa, e magnificencia poetica, o paradoxo de João Jacques Rousseau, emtanto que eu indicaria em uma Ode Horaciana a verdadeira origem, e as mais immediatas vantagens do estado social.
